

**DIÁLOGOS DA TRAJETÓRIA HUMANA NA POÉTICA DE
RENATO RUSSO E ARNALDO ANTUNES**

Kelly Santos

Doutoranda em Literatura

Universidade de Brasília, Brasil

kvyanna@gmail.com

RESUMO: Este artigo analisa como a arte contemporânea se relaciona com algumas referências da trajetória humana em diversos contextos e com elas constrói diálogos tanatológicos. Signos da trajetória humana podem ser identificados nas letras das canções "Metal contra as nuvens", de Renato Russo e "O pulso", de Arnaldo Antunes. Esses signos serão confrontados, revelando neles o dialogismo da resistência humana contra o seu maior inimigo: a morte.

PALAVRAS-CHAVE: Arnaldo Antunes; Renato Russo; Arte contemporânea Dialogismo.

ABSTRACT: This article examines how contemporary art relates to some references of the human trajectory in diverse contexts and, with them builds tanatal dialogues. Signs of the human trajectory can be identified in the lyrics of the songs "Metal contra as nuvens", by Renato Russo, and "O pulso", by Arnaldo Antunes. These signs will be confronted, revealing in them the dialogism of human resistance against its greatest enemy: death.

KEYWORDS: Arnaldo Antunes; Renato Russo, Contemporary Art; Dialogism.

INTRODUÇÃO

A história da humanidade é constantemente refletida na arte, que extravasa a singularidade do tempo e do espaço, adquirindo aspectos universais. A arte mostra ao ser humano a sua face como num espelho multifocal. Por meio dela a humanidade se reconhece, se encontra, se estranha, se assombra. A arte contemporânea utiliza-se de inúmeros recursos estilísticos para expressar os conflitos existenciais vividos na contemporaneidade. Por meio dos intertextos, interdiscursos e apropriações, a arte expande o seu poder comunicativo, estabelecendo relações entre linguagens artísticas, mas também entre diversos segmentos de investigação do comportamento humano, incluindo a História. Portanto, o artista representa em sua arte não somente o contexto histórico em que se encontra, mas também faz menção ao passado e projeções sobre o futuro.

Nas duas canções que iremos analisar podemos observar referências da trajetória humana, sejam elas históricas ou não, por meio de signos, símbolos, contextos ou inferências. As canções “Metal contra as nuvens” e “O Pulso” revelam aspectos existenciais da humanidade na história, como o enfrentamento a doenças, distúrbios comportamentais, busca de autodomínio e autoexpressão, entre outros. Em dialogismo tanatológico apresentam o desespero da condição humana efêmera, mas também deixam uma mensagem de esperança: apesar da fragilidade humana diante da imensidão de adversidades do mundo, o ser humano resiste, mostrando-se forte como metal.

A trajetória da humanidade é permeada de conflitos, incertezas, inseguranças, sofrimentos, que se estendem além da simples luta pela sobrevivência. A arte, no entanto, possibilita à humanidade experimentar esteticamente ora fragmentos, ora a complexidade dos percursos transpostos em sua trajetória na Terra. Não que uma obra de arte contenha em si a totalidade da história humana, mas pela capacidade que ela tem de provocar uma diversidade de sensações e experiências que suplantam os limites do tempo, do espaço e do corpo. Trata-se de examinar a arte pela 3ª via proposta por Peter Burke:

Em vez de descrever imagens como confiáveis ou não confiáveis, adeptos da terceira via estão preocupados com graus ou formas de confiabilidade e com confiabilidade para propósitos diferentes. Eles rejeitam a simples oposição entre a visão da imagem como “espelho” ou “fotografia instantânea” por um lado, e a visão da imagem como nada mais do que um sistema de signos ou convenções por outro. Eles alegam que no caso das imagens – como no caso

de textos – as convenções filtram informações sobre o mundo exterior, mas não excluem. Somente em casos raros [...] é que os estereótipos são tão grosseiros que excluem toda a informação. (BURKE, 2004, p. 233).

As informações do mundo exterior, filtradas e apresentadas por meio da arte, não excluem outras como também, muitas vezes, ampliam os horizontes e desencadeiam novos processos investigativos de novas informações e conhecimentos. Mesmo os estereótipos, se analisados de forma crítica, podem se tornar fonte para que se venha à tona outras informações melhor contextualizadas e mais adequadas.

Embora as imagens possam proporcionar certo incômodo quanto à sua utilização como registro histórico, sua força reveladora do espírito humano é inegável. Ao contemplá-las podemos assimilar sentimentos, inquietações, comportamentos, posturas, de uma determinada época ou inerentes à condição humana; situações e sensações que acompanham o homem porque fazem parte da sua natureza, independentemente do seu contexto histórico.

Da mesma forma, o texto literário é revelador dessa natureza humana. Segundo Cyntrão (2004, p. 39): “O texto literário é privilegiado como fonte de conhecimento, sempre revelador do ser humano e de suas relações com o micro e macrocosmos sociais.” A fala é o modo de comunicação humana por excelência, expressar-se por meio das palavras auxilia a compreender e ser compreendido. A palavra escrita registra impressões e expressões do mundo.

Então, o texto literário, conta trajetórias da história da humanidade e, ainda que se trate de uma mesma história, devido a contextos e perspectivas diferentes assumidas pelos autores, nunca é a mesma narrativa que se conta. As imagens também exploram as narrativas históricas, bíblicas, mitológicas, entre outras. Entretanto, as narrativas visuais impactam pela capacidade de síntese e simbolismos; não pretendem encerrar uma história com todos os seus detalhes, mas buscam fixar um fragmento, deixando ao observador a tarefa de investigar, refletir e concluir o discurso.

Texto e imagens, às vezes em conjunto, às vezes isoladamente, representam, das mais diversificadas formas, aspectos da trajetória humana. Por trajetória, nos referimos ao transcurso de tempo, espaço e evolução sociológica que sempre afetou o comportamento humano. O artista, influenciado pelos acontecimentos, deixa registradas as suas impressões que, por sua vez, influenciarão outros artistas. De acordo com Cyntrão:

O autor, criador, é, ao mesmo tempo, uma voz transformadora que emerge de sua condição de ser sócio-histórico e porta-voz, pela via do discurso, da condição humana que o caracteriza e o identifica; uma condição só identificada e avalizada pelo outro que o precedeu, pelo que o ladeia e pelo que será renovado nesse grande movimento global. (CYNTRÃO, 2004, p. 48).

As manifestações artísticas surgem então, como expressão da condição humana e, portanto, acompanham sua trajetória, extrapolando barreiras de espaço, tempo, forma e autoria. Embora o contexto histórico-social em que foi produzida determinada obra seja importante para sua melhor compreensão, a arte não se detém, não se reduz ao contexto, mas atualiza-o, de modo a tornar sempre presente o seu objeto, ou seja, o ser humano e seu olhar sobre o universo. Então, como Jauss assinalou:

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete. (JAUSS, 1994, p. 25)

O artista não é indiferente e nem desligado das produções de sua época e de épocas anteriores, há uma conexão existente entre os diferentes momentos da trajetória humana e, sendo assim, o artista interpreta, significa e ressignifica a produção de seus antepassados e de seus contemporâneos. A sensibilidade aos contextos de criação de obras de sua época e de épocas anteriores, acaba por se refletir em suas produções.

A arte alcança diferentes culturas, atravessa séculos e, por meio do artista, estabelece uma via de comunicação com o outro. As produções artísticas orientam a comunicação entre autor e receptor e ambos saem enriquecidos por essa experiência estética e dialógica. O receptor, em diálogo com o autor e com outras obras, elabora um trabalho investigativo, conforme afirma Cyntrão em relação ao texto: “analisar um texto literário, hoje, significa, portanto, desvendar, no mosaico de códigos que o compõem, as relações subjacentes do ser humano com o mundo (real ou imaginário) que o envolve.” (2004, p. 51). Elementos oriundos do plano real são transformados pelo autor em produção estética, formada pela complexa cadeia de enunciados que perpassam a trajetória humana.

Neste estudo buscamos analisar contextos da trajetória humana em diálogos que se encontram, de forma latente, nas letras das canções confrontadas. Como sugere Linda

Hutcheon, citando Foucault: “o pós-moderno é autoconscientemente, uma arte “dentro do arquivo” (Foucault, 1977, 92), e esse arquivo é tanto histórico como literário.” (HUTCHEON, 1991, p.166). O dialogismo da trajetória humana que vamos elucidar na análise comparativa das letras poéticas ocorre porque os artistas que as compuseram dispunham de arquivos histórico e literário equivalentes. Além disso, a própria condição humana, em seus conflitos existenciais, formam o dialogismo histórico e literário do arquivo contemporâneo.

“O Pulso”, canção composta por Arnaldo Antunes e gravada pelos Titãs em 1989, conduz o leitor a uma contemplação assombrosa do arcabouço de enfermidades físicas, psicológicas e comportamentais que assolam a humanidade desde o seu surgimento na Terra. Algumas das doenças elencadas na letra, como a Peste Bubônica e a Tuberculose tiveram grande impacto em determinados períodos históricos, deixando uma marca de horror, sofrimento e morte. Epidemias e outras catástrofes, muitas vezes, alertam o ser humano sobre sua fragilidade, mas também podem ser analisadas sob o ponto de vista dos processos históricos-sociais e seus impactos na vida humana:

A saúde de uma população humana reflete situações político-econômicas decorrentes de processos históricos. Desta forma, a pesquisa sobre a questão saúde/doença, no passado pré-histórico ou histórico, recupera informações de valia para a retrospectiva dos impactos decorrentes de mudanças culturais e sócio-econômicas, tais como a transição para a agricultura, as invasões de território, os períodos de escravidão, as transposições demográficas e outras mudanças que afetam a vida das sociedades humanas, seus hábitos e dietas. (SANTOS, RV.,and COIMBRA JR., 1994, p. 21).

Podemos identificar na letra de Arnaldo Antunes doenças contra as quais a humanidade teve de lutar desde o seu surgimento na Terra. Estudos paleontólogos indicam que doenças como sífilis e artrose estavam entre as principais causas de morte dos homens pré-históricos. Apesar da agressividade de certas doenças, em oposição a um contexto em que se dispunha de poucos recursos com os quais se proteger, há a marca da resistência e superação, a cada vez que se obtém, em benefício das gerações futuras, a cura ou o controle de enfermidades.

Entre as doenças elencadas por Arnaldo Antunes, encontram-se a estupidez ao lado da paralisia, na mesma estrofe que contempla a esquizofrenia, o ciúmes e a cleptomania. Portanto, um eco simbólico entre as duas canções aqui analisadas, que mostram como o ser humano pode ser destruído por suas próprias paixões: falta de

domínio dos humores e emoções (estupidez, ciúmes); acomodação (paralisia); distúrbios fantasiosos, que o afastam da realidade (esquizofrenia) e desejo de se apossar do que é dos outros (cleptomania).

Embora a AIDS seja uma doença agressiva e impactante na contemporaneidade, Arnaldo Antunes não se refere a ela em “O Pulso”. Lاپso que não podemos deixar de observar, uma vez que foi uma doença que atingiu grande número de artistas. Além disso, é uma doença que fomenta questões morais e éticas, como preconceito e discriminação. Parece-nos até um mal infável, pois a respeito deste inimigo, Renato também preferiu calar-se. Ferida exposta na sociedade contemporânea, a AIDS nos causa ainda muita dor, levou à degradação e à morte de estimados contemporâneos e, falar dela é mexer numa ferida ainda aberta.

Portanto, ao compor uma canção quase que exclusivamente com nomes de doenças, mais do que chocar, o artista suscita uma reflexão profunda, que diz respeito à condição humana. Mas não somente isso, também leva a refletir sobre a relevância de suas condutas para o surgimento, disseminação, controle e erradicação de doenças e outras abjeções. Afinal, ações político-econômicas coletivas, juntamente com ações individuais, alteram positiva ou negativamente a qualidade de vida das pessoas.

“Metal contra as nuvens” é uma canção longa e de variação melódica diversificada, com duração de cerca de 11 minutos. A data de seu lançamento remonta ao início dos anos 90, momento histórico conturbado, de transição política no país. Ancorando-nos na ideia de amplitude dos fenômenos artísticos, que não se restringem apenas a um determinado contexto, mas ampliam-se nos horizontes da condição humana presentes na obra, trazemos uma abordagem interpretativa abrangente, que leva em consideração aspectos dialógicos a respeito do enfrentamento humano das adversidades de suas vivências sobre a face da Terra.

Nossa abordagem leva em consideração indícios da trajetória e da condição humana revelados na obra de arte. O dialogismo se apresenta como elo imprescindível entre cada obra e cada artista, pois fazem parte do mesmo caminho e partilham a mesma condição. Embora as duas canções, aparentemente, não possuam qualquer relação, veremos que nos trazem referências a um dialogismo tanatológico, em que conduzem a leitura para o tema da resistência humana contra a morte

Literatura e outras artes retiram da humanidade contemporânea a máscara ilusória de superioridade, revelando uma comunhão com seus ancestrais, ao apontar a presença constante e constrangedora do medo da morte, da solidão, das enfermidades. Percebemos nas canções “O pulso” e “Metal contra as nuvens”, que os medos e os

mitos primitivos, bem como os arquétipos, que ajudam a superar esses medos estão presentes nas produções artísticas, deslindando um diálogo persistentes entre o medo da morte e a superação das adversidades que inquietam o espírito humano.

A primeira estrofe de “Metal contra as nuvens” apresenta duas vezes a afirmação da liberdade do Eu-poético, que não se sujeita ao domínio de ninguém, é consciente de seu valor e de seus deveres, no entanto, percebe que suas convicções começam a ser desfeitas. O título já nos sugere a impotência humana (metal) contra o desconhecido, mítico, intangível e fugaz, representado pelas nuvens. O Eu-poético ganha um sentido de força, sugerida pela metáfora do metal. Avança confiante em sua potência, mas esbarra-se no que é oculto e indefinido, sugerido pela metáfora das nuvens. Assim, a humanidade, a se julgar tão imbatível, segue sem conseguir, no entanto, desvendar o mistério de sua existência e da morte.

Ressaltamos que a condição de metal não é entendida na canção como algo inerente ao Eu-poético. É possível identificar a presença de um ritual de passagem para que se possa atingir esse nível de força. As adversidades vão forjando no Eu-poético as condições para que ele alcance o ponto de se declarar metal, raio, relâmpago e trovão. Se a palavra é libertadora, e é por meio dela que o Eu-poético se expressa, então, sua afirmação inicial: “não sou escravo de ninguém”, provém de sua experiência com a palavra. É justamente assim que o Eu-poético de “Metal contra as nuvens” refere-se a si mesmo no refrão: “sou metal, raio, relâmpago e trovão. Sou metal, eu sou o ouro em seu brasão. Sou metal, me sabe o sopro do dragão.”

Também o manifesto antropofágico de Oswald de Andrade, no início do século XX, relaciona a produção artística ao metal, denominando de Idade de Ouro, as manifestações artísticas brasileiras anteriores à colonização. A metáfora do metal implica distinção, principalmente se esse metal for o ouro, seja relacionado a uma Idade de ouro, seja relacionado ao ouro que funde um brasão. Nesta análise, o Eu-poético autodenominado metal traz o signo da trajetória humana, desde a Idade do metal até a contemporaneidade, em diálogos tanatológicos. E os enunciados que dialogam nesses termos é o da luta pela sobrevivência, é aquele que diz sobre não entregar sem lutar, enquanto houver coração, ou seja, vida.

A segunda estrofe da primeira parte apresenta os deslocamentos e dificuldades do Eu-poético em sua trajetória: “viajamos sete léguas, por entre abismos e florestas”. Em meio à solidão desse trajeto, o Eu-poético exclama: “Por Deus, nunca me vi tão só”. Vale destacar que o uso do verbo na terceira pessoa do plural no verso anterior

(viajamos) nos possibilita inferir que ele não se encontrava exatamente sozinho naquela jornada empreendida por entre abismos e florestas.

A terceira estrofe traz um refrão que anuncia os resultados dos rituais de passagem descritos nas estrofes anteriores: o Eu-poético se fortaleceu, galgou a condição de ser resistente como metal, imponente e assustador como o trovão, misteriosos como um raio. Há referências a respeito de um processo evolutivo em que o Eu-poético protagoniza o desbravamento de florestas e a descida ao abismo, representando o confronto com as forças da natureza. Após a superação de suas possíveis fraquezas, incluindo o enfrentamento da solidão e da destruição de seus valores mais caros, ele se torna metal. No brasão, que representa nobreza, ele se autodenomina a parte mais nobre: o ouro. “Me sabe o sopro do dragão”, com esses versos inferimos que o Eu-poético já passou e superou as provações. O sopro do dragão (fogo) já o experimentou, já sabe que ele é como metal fundido num brasão da nobreza.

Na quarta estrofe da primeira parte ocorre o desencanto. O Eu-poético se vê destituído de tudo aquilo que julgava acreditar. Traído e enganado, percebe que a verdadeira virtude encontra-se “em outras mãos”. Então, sozinho e exilado, afirma: “minha terra é a terra que é minha e sempre será. O Eu-poético descobre que o seu lugar é aquele que ele conquistar, dia após dia, e sempre será assim. Afinal, onde quer que ele esteja, ou o que quer que tenha perdido, haverá sempre a lua e as estrelas a lhe fazer companhia. Mesmo exilado, ele estará com a lua e as estrelas, o mundo é a sua terra, o seu lugar.

No início da segunda parte, o Eu-poético parece dar voz a uma humanidade saqueada, corrompida por ideais ilusórios e falsas promessas. A destruição de crenças e padrões não garantem a liberdade e o bem comum. O Eu-poético se depara com a fome e a destruição. Entre perdas e danos, só resta a ele tentar se precaver dos enganos e roubos, guardando o seu tesouro. Que tesouro poderia ser, depois de tantas perdas? “Olha o sopro do dragão”. A verdade assombra, o descaso condena, a ignorância destrói. Há o lamento por tudo o que já foi destruído, que deixou de existir devido à ignorância. O Eu-poético assume aspectos de uma coletividade humana porque a arte comunica a alteridade do autor ao receptor.

O enfrentamento do fogo, o dragão possibilita domar os sentidos (humores, emoções) e, mesmo que o corpo deseje, a sua busca agora passa a ser o entendimento da alma. A dominação do corpo e o entendimento da alma que se mostram imprescindíveis numa terra sem regras, sem lei. Mas, o que o Eu-poético realmente deseja é a espada em

suas mãos, símbolo de honra, mas também de divisão. A divisão entre o Eu-poético que representa a coletividade humana e o nosso maior inimigo: a morte.

O refrão vem reafirmar a sua força e resistência, forjadas pelo fogo, o sopro do dragão. Não obstante a adversidade da trajetória, ele não se entrega, permanece firme. A última estrofe de “Metal contra as nuvens” dialoga com “O pulso” em sentido tanatológico: o seu coração, ou seja, aquilo que ele tem de mais essencial, permanece. O pulso ainda pulsa. A arte é a vitória da humanidade contra seu maior inimigo: a morte.

CONCLUSÃO

Este artigo analisa como a arte contemporânea constrói dialogismos em relação à trajetória humana, comparando duas canções: “Metal contra as nuvens”, de Renato Russo e “O pulso”, de Arnaldo Antunes. Referências da trajetória humana contidas nas letras das canções, foram confrontadas, revelando nelas um diálogo tanatológico de resistência humana contra a morte.

Doenças, medos e conflitos existenciais e comportamentais que assolam a humanidade desde os primórdios, são analisados neste artigo a partir das letras poéticas. A disposição das doenças nos versos e estrofes, em “O pulso”, nos mostra como as enfermidades físicas relacionam-se às enfermidades psicológicas. Além disso, também podemos observar que a inclusão de algumas doenças, como tuberculose e peste bubônica, leva-nos a refletir sobre questões sociais, políticas, econômicas e históricas.

“Metal contra as nuvens,” sugere um rito de passagem para que o Eu-poético se torne forte como um metal. Identificamos que o Eu-poético assume atributos de coletividade humana, conforme a psicologia de Jung: “como regra geral, pode-se dizer que a necessidade de símbolos heroicos surge quando o ego necessita fortificar-se – isto é, quando o consciente requer ajuda para alguma tarefa que não pode executar só ou sem uma aproximação das fontes de energia do inconsciente.” (JUNG, 1964 p. 123). A canção expressa a condição humana em conflitos existenciais e se utiliza da imagem do herói que passa por provações para se autodenominar metal. Extrapola a condição individual do artista, revelando-nos e contextualizando o ser humano como ser histórico e social, mas também “na medida em que o homem ultrapassa o seu momento histórico e dá livre curso ao seu desejo de reviver os arquétipos, ele realiza-se como um ser integral, universal.”(ELIADE, 1979, p. 35).

“Em Metal contra as nuvens”, o Eu-poético passa por provações iniciáticas, desce aos abismos, desbrava florestas . Entretanto, tornar-se forte como um metal, imponente como as forças da natureza (raio, relâmpago e trovão), pode se mostrar, de certa forma, inútil quando se luta contra algo nebuloso como nuvem. A canção, de variação melódica intensa, marca as diferentes fases do Eu-poético em versos quase que narrativos. Após conflitos e superações, o Eu-poético adverte ao final da canção: “não olhe pra trás, apenas começamos.”

Em ambas as canções, podemos identificar as referências ao corpo, mas também à alma. Em “Metal contra as nuvens” percebemos isso claramente nos versos: “o corpo quer, a alma entende”. Em “O pulso”, embora não haja o termo alma explícito, sabemos que há referência a algo além do corpo que é afetado por enfermidades e comportamentos desajustados. Segundo Jung:

O homem gosta de acreditar-se senhor da sua alma. Mas enquanto for incapaz de controlar seus humores e emoções, ou de tornar-se consciente das inúmeras maneiras secretas pelas quais os fatores inconscientes se insinuam nos seus projetos e decisões, certamente não é seu dono. (JUNG, 1964, p. 83).

Assim, Arnaldo Antunes elenca, entre as doenças físicas, também a condição de estados confusos e negativos, como raiva, rancor, estupidez, paralisia (entendida como torpor), ciúmes, hipocrisia e culpa como mazelas para as quais “o corpo ainda é pouco”.

As canções apresentam referências da trajetória humana em distintas propostas. Se, de um lado, Arnaldo Antunes consegue expressar essas referências por meio de uma lista de doenças, Renato Russo elabora uma complexa e longa narrativa em versos, a respeito de um Eu-poético que, pelos arquétipos e condições que evoca, pode assumir características de uma coletividade humana. O uso da terceira pessoa do plural em seus últimos versos parece nos incluir em toda trajetória do Eu-poético: “E nossa história, não estará pelo avesso, assim, sem final feliz/teremos coisas bonitas pra contar/e até lá, vamos viver, temos muito ainda por fazer/Não olhe pra trás, apenas começamos/ O mundo começa agora, apenas começamos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BURKE, Peter. Testemunha Ocular: história e imagem. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: EDUSC, 2004.
- CYNTRÃO, Sylvia Helena. Como ler o texto poético: caminhos contemporâneos. Brasília: Plano, 2004.
- ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos. Portugal: Editora Arcádia, S.A.R.L, 1979.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAUSS, Hans Robert. A História da literatura como provocação à teoria literária. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1964
- LEGIÃO URBANA. Metal contra as nuvens. Álbum: V, EMI-ODEON, 1991.
- SANTOS, RV., and COIMBRA JR., CEA., orgs. Saúde e povos indígenas. [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.
- TITÃS. O pulso. Álbum: Õ Blésq Blom, 1989.